

# ACAJÁ

## JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO

O progresso da intelligencia é infallivel  
havendo liberdade de fallar, escrever  
e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Segunda-feira 31 de Dezembro de 1860.

N. 4

AMADOR BUENO E SILVA XAVIER.

### I.

#### Porque escrevemos.

— Quem ama sua patria não póde deixar de tomar parte em qual-quer cousa que lhe diga respeito.—

Sabando que em uma das sociedades litterarias d'esta côrte (\*) que se dedica ao estudo minucioso da historia e litteratura patria, trata-se presentemente de um assumpto cujo titulo é interrogar, qual o vulto que o Brasil mais deve venerar se Amador Bueno ou Silva Xavier; suggerio-nos a lembrança de escrever estas linhas, visto não sermos membro d'essa illustre sociedade nacional, e não podermos levantar a nossa humilde voz no seu recinto; ainda que estejamos certos que ella fraca como é, perder-se-hia entre as muitas eloquentes que se tem de fazer ouvir ali, semelhaute ao pequeno regato que se perde quando se lança no soberbo Amazonas.

Assim, torna-se evidente que o nosso escripto não tem pretensão, e que é filho tão sómente do desejo que temos que a opinião que nos parece mais razoavel seja patenteada, á ver se acha écho em algum peito mais forte que o nosso que a eleve ao gráo de sublimidade que merece. E' essa toda a nossa ambição, é esse o motivo porque escrevemos.

### II.

— Exponhamos a questão: —

Tratamos de esboçar dous homens, e de dar á um, superioridade sobre outro, convém pois, para que sigamos á risca as palavras do homem Deos—dai á Cesar o que é de Cesar—que estudemos, ou que ao menos nos lembremos das

épochas distinctas em que os dous heróes illustrarão e abrilhantarão as paginas da nossa historia; o estado politico não só do nosso paiz mas tambem da nossa antiga metropole, do mundo civilizado, e finalmente, todas as circumstancias que pódem ter influido em ambos os acontecimentos de que forão vultos principaes os homens cuja memoria nós hoje honramos.

Estudaremos em primeiro lugar a época da 1640, em que teve lugar a proclamação de Amador Bueno, que é o que constitue toda a sua magnanimidade.

### III.

#### Epocha de 1640.

— Quando praticamos uma acção, tem grande influencia sobre ella, a época em que a praticamos, e sobre que circumstancias a praticamos.

Em 1640 a população da colonia Diamantina, se compunha principalmente de estrangeiros, distinguindo-se pelo seu grande numero, os hespanhóes, que nos ultimos annos aproveitando-se de terem subjugado Portugal, e conseguintemente as mais colonias, se havião espalhado por todas as cidades do Brasil tendo sempre em vista dar a maior força possivel ao governo de Philippe IV seu soberano.

Assim annunciada a restauração da monarchia portugueza, tratavão os hespanhóes de vêr se por algum estratagemia podião ao menos conservar para sua patria, a colonia, já que a sorte inconstante lhes havia privado da parte que tanto convinha á Hespanha para formar o seu antigo imperio Iberico, cujas reminiscencias ella ainda hoje se ufana.

(\*) Sociedade Ensaios Litterarios.

## IV.

**Estratagem de que usarão os Hespanhóes.**

—Quando se trata de fazer bem a patria, poucos são os meios que o cotação do homem repelle como indignos.—

Para que pudesse a Hespanha conseguir o que desejava, se fazia necessario que o povo não aceitasse a proclamação de D. João IV, que não o reconhecesse como legitimo rei, por que uma vez que isso tivesse lugar, seriam baldados todos os esforços dos hespanhóes e a terra de Cabral não lhes pertenceria. Era pois mister lançar o ultimo dado, a ver se a Hespanha que acabava de perder Portugal, ficava com Santa Cruz.

Estudado qual seria o melhor e mais acertado meio para ser posto em execução com a rapidez que era necessaria, provavelmente conhecerão os astuciosos e patriotas hespanhóes, que o melhor e talvez o unico, era fazerem reconhecer como rei no Brasil qualquer pessoa que não fosse o verdadeiro rei duque de Bragança; tendo em vista que, não sendo rei de Portugal aceito no Brasil, e sendo proclamado em vez d'este uma pessoa de pequena influencia, com dobrada facilidade poderia a Hespanha reivindicar os direitos que gozou desde a morte do cardeal D. Henrique até a revolução de que tratamos.

Não havia pois mais tempo a perder; era preciso pôr o plano em execução logo, antes que o povo confirmasse a proclamação de D. João IV, o que com facilidade se teria conseguido; por que n'aquelles tempos os habitantes das nossas terras em grande parte erão levados mais pelo instinto do mesmo, do que pelo do que elles julgavão ser melhor.

Em taes circumstancias proclamaram a Amador Bueno, homem que gozava de bastante influencia.

Uns levados pelo desejo que o Brasil assim ficasse fóra do dominio da curia portugueza; outros pela avidez de mudança de sorte, sem se importarem muito que fosse para melhor ou peor; e finalmente a estulta plebe, por que se deixava levar por onde a guiavão os interesses dos seus chefes.

Bueno, porém, conhecendo a illegalidade d'uma tal proclamação, prevendo os funestos resultados que terião de recahir sobre si, a falta de lealdade de que elle seria accusado, e a impossibilidade que havia de ser elle rei, teve como unico recurso recusar o titulo por demais honroso que lhe offerecião. De facto era o unico passo acertado que se podia dar em tal occasião, isso

aconselhava o bom senso; portanto elle fez o que lhe convinha mais, e o que outro qualquer teria obrado da mesma maneira.

## V.

**Epocha de 1791.**

— O desejo de libertar a terra que nos vio nascer, é o mais nobre e bello desejo que pôde nutrir o verdadeiro patriota.—

Grande é a differença que notamos nos acontecimentos diametralmente oppostos de que tratamos; grande a divergencia entre as circumstancias que actuarão sobre um e outro. Um teve lugar na manhã ainda do seculo 17; outro, que é o de que vamos agora tratar, foi pelo contrario, quasi no despoitar do seculo, cujo o brilho não nos achamos com força de desmerever, e nada dizendo sobre elle por temermos dizer pouco, chamal o-hemos simplesmente, seculo 19! Frase que tem tanto de simplicidade como de eloquencia.

Daquí, concluímos que o tempo influencia mui diversamente sobre os acontecimentos de que tratamos, o que convém termos em memoria para bem julgarmos os factos.

## VI.

**A America e a liberdade.**

—A liberdade exige concurso de todo o homem na proporção de suas potencias, para o bem-estar, a honra, o brilho, a sciencia e a gloria da patria.—

(DR. LANDELPHO MEDRADO.)

Para amar-se a liberdade é bastante pisar o solo Americano!... Ah! o regato que corre mansamente é livre até o momento em que perde se no oceano, e os soberbos e caudalosos rios que surgem das montanhas em horribéis catadupas também são livres, e vão luctar com as ondas do salso argento. As florestas parecem em sua virgindade ostentar a mais sublime e pura liberdade, e o indio orgulhoso de ser livre faz resoar pelas montanhas o grito electrizador de *liberdade* que é repercutido por entre as selvas, do norte ao sul, augmentando-se o entusiasmo com que é proferido ao passo que mais se alonga.

A America era pois a patria da liberdade, seus filhos portanto devião ser livres; bem como Deos os havia creado.

VII.

**Importantes razões que influirão na revolução Mineira.**

— Tudo... tudo parecia lembrar á terra de Santa Cruz que era preciso libertar-se.—

O exemplo de elevado patriotismo que nos acabavão de dar os nossos irmãos da America do norte, quebrando as cadeias que prohibião á patria de Washington de dar os passos gigantescos que lhe eslavão destinados pelos sublimes decretos da providencia, e a intensidade da luz que gozavão os Estados Unidos era tal, que ultrapassando os Andes viera á terra do Brasil lembrar-lhe que era tempo de offerecer de novo um throno á Deosa que se tinha retirado por algum tempo de seu solo, por ter sido á isso impellida pela espada cruel do despotismo.

O espirito regenerador que então dominava nas potencias que erão olhadas como exemplares, e augmento dos capitães que annualmente recebia a metropole, a pouca importancia politica que gozava o paiz, (que estava destinado a representar tão importante papel na historia do globo), o conhecimento que já se lia divulgando de que era uma necessidade á reivindicação d'aquillo que nos tinham estorquido pelo sordido interesse, enfim tudo se coadunava com a voz da natureza que parecia ter-se elevado no Itacolomi dizendo aos filhos da America que sacudissem os pesados grilhões que os opprimião, e viessem ufanos sentar-se no grande festim das nações, tendo por guia o estandarte em que se separasse com a sublime palavra—*liberdade*.—

VIII.

**Quem era J. J. da Silva Xavier?**

— Morreste, é certo... mas teu nome e tua gloria viverão sempre!

Na época em que o estado politico do muneiricano era pouco mais ou menos o que acabamos de descrever, *per summa capita*, um homem houve que, amando sua patria mais que a propria vida, e que querendo estudar o estado d'ella tanto no adiantamento industrial, como no intellectual, teve logo no começo de sua pesquisa á contemplar o quadro pathetico de que acabamos de traçar os principaes acontecimentos. Contemplando esse quadro immenso, elle conheceu que no seculo em que todas as nações

davão passos gigantescos na carreira do progresso, o Brasil, o paiz gigante Americano coberto de brilhantes, o solo rico por excellencia, o solo onde a natureza se ostentava com uma belleza e magnificencia que só cedia ao Paraizo; o Brasil, o paiz cujas florestas inspiravão amor á liberdade ao mais aviltado filho da Siberia, ainda mesmo que para obtel-a fosse mister desobedecer ao filho do sol o imperador de toças as Russias, era aquelle mesmo paiz que sendo capaz de inspirar o sancto fogo da liberdade até em um filho d'um paiz onde d'esde o berço se liba á mais amarga e cruel taça, a taça do captivo e do servilismo, não era capaz de libertar-se e soffria pacientemente o cruel jugo da Lusitania.

O homem de que fallamos, contemplando este quadro, parou por alguns momentos como que absorto por um grande pensamento. De repente porém, sendo excitado pelo amor da patria e da liberdade, animado pelo feliz exito que tinham obtido os Norte-Americanos, confiando-se em que Deos protegeria a sua causa, porque ella era sublime e santa, e pensando sempre que a vida de nada valia sem a liberdade, e que a patria precisava ser livre; affronta os perigos, arrosta os trabalhos, esquece-se do individualismo, da sua triste posição de colono sobre a qual se erguia o pesado alfange do despotismo, espellindo de seu peito o interesse particular e substituindo-o pelo geral, só vê que a patria estava gemendo, e só lembra-se que o bom filho deve mitigar os soffrimentos maternas na hora da dor; só vê que o bom filho deve dar seu sangue para libertar áquelles que lhe derão o ser. Esse homem era um destes filhos nobres e magnanimos.

Aleou portanto a santa bandeira em que brilhava a bella inscripção—*Libertas quo sera tamen*—e pela vez primeira ouviu-se retumbar pelas auríferas montanhas brasileiras, a palavra *liberdade*.

Esse homem, que nada hesitou para gozar da liberdade, esse homem que sacrificou o que tinha de mais precioso... pelo amor que consagrava á sua patria, esse homem que teve coragem bastante para praticar um acto que elle sabia que acarretaria sobre si o odio implacavel dos tyrannos (nossos oppressores) mas que era o unico meio d'elle concorrer para a liberdade da patria, esse homem que por tantos titulos merece uma pagina na nessa historia escripta com distincção, esse homem que foi a primeira victima da nossa emancipação politica, esse homem é o de quem tratamos, é o illustre mineiro J. J. da Silva Xavier por antonomasia «*Tira Dentes*.» Um homem de sentimentos tão nobres, d'uma alma tão elevada, não é um homem commum. E' um grande!... é um heroe!

## IX.

**Merito dos dois heróes. Superioridade de Silva Xavier sobre Bueno.**

— Dai á Cesar o que é de Cesar e a Deos o que é de Deos.—

(PALAVRAS DE JESUS CRISTO.)

O merito que reconhecemos em Bueno, nunca se poderia comparar com o de Silva Xavier. A acção praticada por aquelle, não foi filha só da fidelidade que elle tinha para com seu rei, foi tambem bastante coadjuvada pelo interesse individual. Além d'isto, ainda mesmo que esta acção fosse praticada com todo o heroismo e lealdade, ella não teria merito, se não o merito particular; isto é, era uma acção d'onde todo o bem que podia resultar era para aquelle que a praticava sómente e não para o bem-estar dos cidadãos e da patria. A posição de Bueno era na verdade melindrosa, porém não era da mesma sorte tão perigosa como a de Silva Xavier. Bueno qualquer resolução que tomasse lhe era de utilidade; uma teria de certo superioridade sobre a outra cumpria reconhecel-a e preferil-a.

As duas resoluções mais salientes que elle tinha a escolher, éram—aceitar ou não—o que lhe offerecia. No primeiro caso elle teria um throno, é certo, mas um throno adquirido por meio d'uma infidelidade que não tinha por fim o interesse geral; um throno que teria de ser derribado com rapidez, por que a sua base não era bastante solida. No segundo caso pelo contrario; elle seria como o foi e ainda o é, apontado como o exemplo da fidelidade; elle teria de seu soberano a recompensa devida á uma tal acção, e não teria a soffrer os espinhos d'uma corôa real. No primeiro caso teria de lutar com grandes difficuldades, e teria sempre seus dias em perigo; entretanto que no segundo á nada estava arriscado, e podia estar certo que, teria o premio do seu feito; porque a corôa teria o cuidado de recompensar esses actos para que elles se reproduzissem em occasiões opportunas. Portanto, convinha mais não aceitar, e repellir a offerta do povo.

Amador assim o entendeu tambem, e assim o praticou.

Assim, a acção de Bueno, de ter resignado o pomposo título de rei, teria em taes circumstancias sido praticada pelo maior ambicioso filho da Grã-Bretanha; por que em taes circumstancias convinha não ser monarcha, em tal crise não convinha o throno. Dahi segue-se que na acção de Bueno influio fortemente o individualismo e o interesse.

Silva Xavier porém não está no mesmo caso

de Bueno, vimos este duvidoso na escolha do leito em que devia deitar-se, sendo um, leito de rosas; e outro de açucenas; elle preferio o de açucenas; porque aquelle posto que mais bello e odoroso tinha o inconveniente de ter tambem espinhos, inconveniente que não havia no outro que não era tão bello nem tão aromatico. Silva Xavier pelo contrario esteve, não entre dous leitos de flores; porém entre Sylla e Caribedes; por que ou soffreria a horrivel oppressão estrangeira e veria o terreno Americano captivo com todas as riquezas com que approuve a natureza em armal-o ou teria de arriscar não só a sua vida, mas tambem as de seus illustres companheiros, cujos nomes calamos aqui, por que sabemos que não precisam serem lembrados, pois estão profundamente gravadas nos corações brasileiros.

Mais merito terá aquelle que com maiores difficuldades lutar; logo, Silva Xavier terá incontestavelmente mais merito.

Elle foi o primeiro martyr da nossa independencia; ninguém haverá que ouse comparal-o com Catilina por que quem fizer uma tal comparação salpicará as suas convicções de nodeas que ellas nunca tiveram, por que ellas foram sempre puras, e santas. Catilina juntava para sua conspiração, (se nos é lícito acreditar no historiador romano Sallustio), a escoria da sociedade romana; o nosso heróe pelo contrario, teve por companheiros homens cujo merito e illustração servem de prova de quão nobre era o seu intento. Catilina ambicionava o poder e queria galgal-o; Silva Xavier pelo contrario, queria o que ha de mais nobre, e de mais sublime, queria a independencia da patria! Queria livre contemplar o admiravel panorama das florestas livres do Brasil!

Catilina para confirmar seus juramentos para com seus conjurados, esgotava nas orgias em que elles se reunião, taças; não da espumante bebida nem do licor do velho Baccho, porém sim taças a transbordar de sangue tirado do peito das suas victimas!... Entretanto o nosso primeiro libertador, (que é como o devemos chamar, ainda que elle não tivesse podido gozar os fructos dos seus primeiros esforços) fazia consistir a confirmação da sua pretenção entre seus amigos na santidade de sua causa, e posto que immenso fosse o seu enthusiasmo, elle nunca, nem por sonho, applicou um meio de lhes proporcionar vantagens que offendessem ao interesse de qualquer, ou que fossem contra as conveniencias sociaes.

Fiel e respeitador da religião do crucificado até seus ultimos momentos, tentou sob o auspicio d'ella libertar sua patria. Nobre desejo!... Porém, coitado! em vez de regar sua patria com lagrimas de alegria, rogou-a com as do desespero d'aquelles que virão çahir a ca-

beça do filho que queria livrar sua mãe da tyrannia, cuja cabeça tinha sido decepada pelo cruel algoz no elevada patíbulo.

Que importa pois, não ter elle conseguido?! diminuirá isso por ventura alguma cousa no valor de sua acção?.. Não! e baseando-nos no que disse um dos nossos mais illustrados patricios, digamos—que a queda de J. J. da Silva Xavier foi nobre porque— *na grande empreza até a queda é nobre.* —

De tudo quanto havemos dito concluímos pois, nós brasileiros não devemos consentir que haja na nossa historia nome que tenha mais direito a ser reverenciado que o de Silva Xavier.

Assim em qualquer altar de gloria que elevar-se, para honrar os nossos antepassados devemos sempre collocar em lugar distincto e coberto de louros, o busto d'aquelle que com seu sangue regou o terreno onde 30 annos depois devia nascer a bella arvore da *liberdade*, que veio collocar a terra de Sancta Cruz no grande mappa das nações, occupando o distincto lugar que lhe estava destinado pelos decretos da divina providencia.

Rio de Janeiro, 17 de Dezembro de 1860.

F. L. da Veiga.

### Solidão.

Nas horas caladas da noite quando a brisa perfumada suspira pelas folhas assetinadas da frondosa cajazeira;

Quando as estrellas do firmamento adormecem no seu leito de saphyra emballadas pela muzica suave e harmoniosa dos nujinhos do céu;

Quando a vaga envolta no seu alvo lençol de espuma se espreguiça na pateada areia da praia;

Quando a lua surgindo por trás dos montes vai dourando a choupana do pobre e o palacio do rico;

Quando enfim sobre a terra tudo é silencio e solidão e que os homens e as aves e as flores adormecem sem sentir:

O Deus dos prodigios—o Creador dos mundos—o senhor de Israel, repousa no seio de sua creação.

E elle contempla a brisa que suspira, — as estrellas que dormem, — a vaga que se espreguiça murmurando, — e a luz que surge por trás das montanhas, como a moça danzella sahindo do seu leito perfumado de rosas e jasmims!

E elle vê tudo: os homens, as flores, e as aves,

e admira-os extasiado porque tudo é seu, — e tudo provém de sua divina sabedoria!

E é nas horas caladas da noite, quando o senhor repousa no seio da sua creação, que é dado á alma sonhar e pensar nos prazeres do céu.

E' nessa hora de solidão que nossa alma cansada dos martyrios que soffre na terra deseja voar até Deus!

E' nesse momento de silencio e melancolia que o coração cata no peito e a fronte pende scismadora!

E como é doce a solidão! — como é bello esse silencio que adormece a saudade no peito!

Apartado desse bulicio do mundo—*fora das salas — dos sarões — e das intrigas*, como é doce entregarmo-nos aos nossos pensamentos!

Portanto eu amo a solidão — que é filha de Deus—e consoladora dos que soffrem.

Eu amo-a porque tenho n'alma um pungir de saudades—um acerbo ralar de afflicções que que só ella m'os pôde suavisar!

Gaspar d'Azambuja.

## POESIAS.

### A M...

Vi-a e amei-a que a minha alma ardente  
Em longos sonhos a sonhára assim.

(CASIMIRO DE ABREU.)

E' por tí linda fada dos amores,  
Que a vida soffro de cruel martyrio;  
E' por tí garça linda de pureza  
Que passo os dias em mortal delirio!

Se tu não fôras n'esta vida esteril  
Que pouco a pouco me enfraquece esta alma,  
A' quanto tempo na mudez da tumba  
Fruiro os gozos d'uma vida calma!...

Se tu souberas quanta dôr eu sinto,  
Quantas angustias, n'este peito meu!  
Oh! tu dissêras por teus labios roseos  
— Tomai meu peito, meu amor é teu.—

E que ventura, que prazer infindo  
Sentira eu n'alma de pezar despida!..  
E que de sonhos e visões celestes  
Dourar virião meu albor da vida!...

Mas eu, só, triste, cubisbaixo espero  
A dira sina que me aguarda a sorte!  
Podes n'um riso dar-me um céu de gozos...  
Como me podes n'um desprezo—a morte!...

Rio de Janeiro 8 de Dezembro de 1860.

Silvio Rangel.

**Penso em ti.**

Penso em ti—tua sombra vaporosa,  
Vem sentar-se em meu leito.....

*Dr. T. de Mello.*

Penso em ti—pallida virgem,  
Penso em ti—anjo de amor;  
Penso em ti—candida estrella,  
Penso em ti—pallida flôr !

Penso em ti quando á noitinha  
A lua surge a sorrir;  
Penso em ti quando meu peito  
Soffre amoroso sentir.

Oh ! sim ! A flôr dos meus sonhos  
E's tu—anjinho do céu.  
Despe—ao sol dos meus amores,  
Dos teus amores—o véo.

Penso em ti ; minha alma soffre  
Como a flôr na solidão,  
Penso em ti quando palpita  
Ternamente o coração !

Penso em ti á meia noite,  
Quando sonho é só por ti.  
E's a fada dos meus sonhos,  
Que nos meus sonhos sorri.

Penso em ti—pallida virgem,  
Penso em ti—anjo de amor;  
Penso em ti—candida estrella,  
Penso em ti—pallida flôr !

Rio 29 d'Agosto 1860.

*A. Cunha.*

**Uma florzinha para ti.**

A Exma. Sra. D. Amélia C. B.

Um anjo veio e deu a vida  
Ao peito de amores nu:  
Min' alma agora remida  
Adora o anjo — que és tu !

*C. DE ABREU.—Primaveras.*

Tu queres uma florzinha,  
Bem mimosa bem lindinha,  
P'ra nas negras tranças por?  
Mas eu não tenho florzinhas;  
Todas ellas, coitadinhas,  
Fanei-as com minha dor.

Quizera dar-te açucenas,  
Madre-silvas, e as pequenas,  
Violetas e o jasmim;  
Não achei nem mesmo lyrios,  
Não achei rôxos martyrios,  
De meu peito no jardim.

Quizera dar-te uma rosa,  
Como tu, tão melindrosa,  
Mas rosas não tenho eu!  
Dou-te, só o amor-perfeito,  
Que essa flor dentro em meu peito.  
Não morre — nunca morreu.

Tabem não morre a saudado.  
Mas essa flor d'amizado,  
Tão triste, não t'a dou eu.  
Dou-te só o amor-perfeito,  
Que essa flor dentro em meu peito,  
Só p'ra ti foi que nasceu !

Terquó 18 de Novembro de 1860.

*F. Junior.*

**As folhas soltas.**

DE NUNO ALVARES.

(Ao meu amigo Silvio Rangel.)

Away! Away!

*Byron.*

**I**

A litteratura nacional acanha de ser adornada com mais um bello livrinho, fructo de uma imaginação de poeta, em cujo eraneo a crença e a fé occupão saliente lugar. E' pequeno o livro que tem por titulo *Folhas soltas*, mas é quanto basta para que o nome do seu talentoso autor seja gravado nas paginas do album dos litteratos nacionaes. O scepticismo dos ultimos tempos e que infelizmente é a pagina negra dos Proudhon, Taleyrands e outros, não tem comtudo semeado seu pollen envenenador nos talentos brasileiros; e se um outro vulto da litteratura patria, tem na sua frente esse cunho tão nefando, seu numero é tão pequeno que torna-se imperceptivel.

Voltemos porem ao nosso assumpto.

Nuno Alvares, é um mancebo que, não obstante seguir a carreira militar, quer depositar um obolo de intelligencia e estudo, nesse banquete da sciencia que tem perpetuado a memoria de tantos de seus illustres couvivas. Seu livro é uma rosa de que cada pagina é uma petala. Desabrochada em uma manhã serena, e bafejada pelo so-

pro da brisa, ella exhala suaves perfumes que embriagão a imaginação do leitor.

Para que se faça um juizo a respeito do Sr. Nuno Alvares, é bastante ler-se a folha solta que se segue, em cuja leitura se encontrará a poesia, essa virgem pallida e cheia de encontros que é fiel companheira do saudoso filho do Norte.

### ● Crepusculo.

• E' uma hora de incomprehensivel mysterio a hora solemne do crepusculo, quando o sol dou-  
rando as montanhas com seus ultimos raios, vai afundar-se no abysmo das trevas!

« Muitas vezes recostado na alcatifa dos valles, sentindo o perfume das flores e o vento gemer entre as grammas rasteiras, meu coração se agita de uma maneira desusada, sinto reverdecem as esperanças fanadas dos meus dias de felicidade!

• Eu amo essas horas de tristeza, porque se casão alegremente com as harmonias de minha alma repassada de desalento, porque me recordão os palmares, onde vi meus dias se desfizarem felizes!

« Lá bem longe, onde as flôres vicejão alegres, onde as campinas se azulão á luz do crepusculo, onde os rios correm solitarios por entre as flôres virgens, eu muitas vezes permanecia immovel ante a magestade esplendida do Norte!

« Teem uma tristeza infinita aquellas montanhas, aquelles troncos gigantescos, aquelles rios que se perdem entre desconhecidas solidões! Tem uma expressão tão indefinivel a luz incerta d'essa hora, longe do ruido da vida; que o coração se enche de saudades, e a imaginação se embebe de um scismar profundo como o arquejar do oceano!

« Debaixo daquellas abobadas, em que o cedro se entrelaça com a cajazeira coberta de flôres; em que as palmeiras curvam-se ao peso dos fructos, e o cipó se enlaça ás ambaibeiras; debaixo d'aquelle docel de verdura a alma livre de apprehensões mesquinhas, admira com uma infinita humanidade, o Creador supremo de tantas e inimitaveis maravilhas!

« Ah! quão variadas são as bellezas que nos offerecem os sertões!

« Agora já não é o solo virgem gemendo ao peso dos troncos dos arvoredos, curvando-se ás immensas massas de rochedos; agora é um campo onde a vista abrange o céu arqueando-se sobre um vasto plano de verdura; onde o horizonte se desenha tenue como a esperança do poeta no exilio da patria! Agora é uma planicie coberta de relvas, onde as carnaubeiras dobrão-se indolentes como as odaliscas do oriente ao calôr da sêsta!

« Ao longe assoma o pastor, não tangendo a

frauta como os pastores da idade de ouro, não dansando no meio dos satyros e phaunos das florestas, porém entoando uma das cantigas tristes e monotonas dos sertanejos do Norte! e o rebanho tranquillamente se avizinha da malhada, onde á noite repousa ao abrigo da esfaimada onça ou da setta envenenada do turbulento tapoya! Feliz o camponez na sua rustica ignorancia das vaidades e faustos do mundo! feliz o que vio os annos embranquecer-lhe a fronte nas brenhas dos seus solitarios palmares! Um raio de luz d'aquelle céu, um sopro da brisa impregnada das acaolas, o som dos echos d'aquellas montanhas; talvez ainda me aviventassem o coração, triste como as saudades da patria na hora incerta do crepusculo da tarde!

Agora algumas palavras ao autor.

### II.

Uma imaginação por mais fertil que seja, necessita de cultivo, para que um dia possa produzir bons fructos.

A intelligencia humana e o estudo, formão o *todo*, que tem de ser fiel guia na arêua da sciencia, onde tantos nomes illustres tem tropeçado por falta de animação e cheios de descrença. Temos bastante fé que o Sr. Nuno Alvares não se embriagará com os elogios da imprensa e de seus amigos para deixar, de illustrar seu espirito com os livros de utilidade, principalmente os de historia e philosophia, cuja leitura tanto nos deleita e instrue. Poeta por sentimento e inspiração, o autor das *Folhas soltas* ainda precisa de muito estudo, para que seu nome passe á posteridade coroado com o laurel de gloria. Não é bastante ter-se o genio, é preciso ainda que o estudo dos classicos venha aperfeiçoar nossas inspirações, e que a meditação seja muito empregada por nosso pensamento. Uma vontade superior, e uma resignação para os revezes, tambem são qualidades indispensaveis para quem segue a vida litteraria; sem ellas em breve tempo o scepticismo se apodera de nós e não tardará que a nossa consciencia nos accuse um remorso.

Lembre-se o Sr. Nuno Alvares que a gloria já lhe acena os seus dourados braços, e é mister que o estudo sirva de caminho para o conduzir ao seu templo cheio de esplendor, e onde a alma parece edificar-se.

Convieto que seja aceita a animação intima que lhe dirige quem da sua obscuridade se glorifica do progresso da litteratura patria, aproveitamos a occasião para lhe dirigir estes insignificantes signaes da sympathia que de coração lhe tributamos.

Rio, 24 de Dezembro de 1860.

W.

## A ultima Donati.

(TRADUZIDO DO FRANCEZ POR E. BANDEIRA.)

(Conclusão).

O pai encheu seu copo, e antes de passar a taça para diante, querendo tornar-se cúmplice dos brinquedos de sua filha, disse em voz alta e intelligivel para que ella podesse ouvir :

— Deixemo-la, meus senhores, deixemo-la nobres senhoras, ella não quer mais do que experimentar o grão de afeição de seu pai e de seu esposo, e breve voltará, ou nós a acharemos.

O pai quiz beber a felicidade de sua filha e de seu filho. Porque quereria elle fazer essa saude? Tão jovens, tão bellos, tão ricos ! sua felicidade estava firmada para sempre...

Entretanto a taça tremeu em sua mão. Elle empallideceu : o medo e o susto apparecerão em todas as frentes. Os alegres convivas ficarão aterrados.

E' que de repente um pensamento horrivel se apoderou de sua alma, e nella lançou uma suspeita terrivel. Ginevra..... poderia ella não viver mais ? poderia ella faltar assim ao appello do seu coração? Por um momento tranquillizou-se. A noiva poucas horas antes tinha estado no meio delles, dirigindo a Francisco seus suaves sorrisos, animando a sociedade com seus innocentes folguedos....

Poucas horas antes, ella ora cantava, ora corria, ora fugia para depois apparecer de novo. A menina breve voltaria. Mas ah ! assim não succedeu.

Esperou-se, mas a espera foi tão longa, que por fim a anciedade e a dor pintáram-se em todas os semblantes. O consternado pai chamou por sua filha em altos gritos ; o esposo sua noiva; os convidados sua amiga ; ninguém respondeu : só o echo zombador. Ginevra em vão foi procurada por todos os cantos do palacio.

Depois de uma tal desgraça, Francisco desesperado deixou Modena. Em Veneza fatigado da vida embarcou-se para ir guerrear contra os infieis, e n'uma grande batalha onde os christãos ficarão victoriosos, encontrarão-n'o entre os mortos.

Donati sobreviveu. Muitos annos depois, via-se aquelle velho vagar como uma alma que anda penando, como que procurando alguma couza sem socego nem tréguas, não sabendo mesmo o que procurava. Sua razão o tinha deixado com o desaparecimento de sua filha.

Quando elle morreu, o palacio Donati ficou tres annos sem habitantes, mudo e silencioso como um tumulo. Depois collateraes muito afastados o venderão, e assim passou á mãos estranhas.

Toda esta extraordinaria catastrophe estava esquecida, quando cincoenta annos depois, novos proprietários se pozerão á testa delle. Uma manhã que não tinham nada que fazer, forão desentulhar as altas galerias do palacio, as quaes servião de guarda-moveis e de deposito desde tempos antiquissimos. Pozerão mãos á obra. Duas moças tão travessas, tão risonhas como em outro tempo tinha sido a pobre Ginevra, acharão em breve um grande cofre, e impellidas pela curiosidade quizerão saber o que continha. Talvez encerrasse thesouros desconhecidos. A fechadura de móla molestou suas pequenas e brancas mãos, a chave não existia. Persistindo sempre, ellas chamarão duas criadas para arrastar o velho movei para o sol afim de seccar.

Mas, oh ! surpresa do inexplicavel terror ! As juntas carcomidas do cofre quebrarão-se depois de algumas esforços; um esqueleto de mulher rolou sobre as lages ; sobre esse esqueleto existia um longo rosario de esmeralda ; e um alamar de ouro se via em sua cintura. Tudo o mais tinha-se consummido!

Passada a primeira impressão de terror as moças examinarão com mais attenção. Em um dos dedos brilhava o anel dos desposados. No pó do cofre descobrirão uma hematitis; sobre essa pedea que em outro tempo pertencera a sua mãe, lia-se o nome de Ginevra habilmente gravado.

Arrebatada de alegria, e feliz entre as felizes, ella se tinha escondido por gracejo nesse velho cofre abandonado e que só ella conhecia sem duvida. Apenas ali entrou, o peso da tampa abaixando-se por si mesma, fez saltar uma móla secreta, e assim sellou a vida e a morte da infeliz noiva de Francisco Doria, no mesmo dia do seu casamento.

Comprehendeis agora como visitando o palacio Donati ficareis impressionados diante dessa bella joven, desse velho bastidor, e desse grande cofre de sombria apparencia. O retrato nos mostra quem era Ginevra; o bastidor revela a vida feliz e tranquilla que a aguardava ; e o cofre nos representa seu desespero e fim cruel. Retrato, cofre e bastidor; restaurados por mãos piedosas, forão reunidos sob as abobadas do palacio Donati, para mostrar aos visitantes, quanto a felicidade neste mundo, mesmo aquella que parece mais bem firmada, é transitoria.

As reclamações e todas os mais objectos que tenham de ser entregues á redacção do *Acaja*, devem ser a ella dirigidos e entregues nesta typographia.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.<sup>ª</sup>, rua do Cano n. 163